

Sob o comando de Charles Gavin, *O Som do Vinil* volta em nova temporada. B2



Quinta-feira
17/05/2012

ARTES VISUAIS. Se ao pensar em Maceió as imagens que lhe vêm à mente trazem elementos como o mar e o coqueiral, então prepare-se para conhecer um lado diferente da capital. Ao retratar a cidade sem recorrer a ícones já explorados à exaustão, em *Dobra* a arquiteta, designer, fotógrafa e realizadora audiovisual Alice Jardim apresenta cenas de um lugar eminentemente urbano, porém pouco percebido. Composta por dez fotomontagens e três curtas-metragens, a primeira mostra individual da artista multimídia tem abertura nesta quinta-feira na Pinacoteca Universitária. Em primeira mão, a *Gazeta* conferiu os trabalhos. Nesta edição, você vai conhecer detalhes desse 'labirinto'



Dobra 6, um dos dez painéis da mostra: uma Maceió que exala urbanidade

QUANDO CAI A NOITE

CARLA CASTELLOTTI
REPÓRTER

Uma Maceió (quase) nunca percebida. Diante das imagens elaboradas pela arquiteta Alice Jardim, a impressão dificilmente será outra. Sem recorrer aos clichês habituais da paisagem da capital, como o mar e o coqueiral, e debruçando-se sobre as vias de grande movimento da cidade, a artista instala uma bem-vinda confusão na mente do observador – que ao menos de imediato não é capaz de reconhecer os cenários retratados. Designer, fotógrafa e realizadora audiovisual, em sua obra Alice flerta com a dúvida. Este, aliás, é o intuito de sua primeira mostra individual, *Dobra*, cuja abertura ocorre logo mais à noite na Pinacoteca Universitária, espaço que tam-

bém servirá de palco para um bate-papo com a artista, amanhã (18), às 17h. Composta por dez painéis fotográficos e três curtas-metragens, a exposição que poderá ser vista até o dia 29 de junho na galeria de arte mantida pela Universidade Federal de Alagoas é resultado de um trabalho de pesquisa desenvolvido há mais de uma década. Perto de completar 29 anos, a artista multimídia conta que, devido aos seus múltiplos interesses, durante algum tempo sentiu-se perdida em meio a tantas referências. "Com o amadurecimento, fui entendendo que trabalho arquitetura, só que em outros suportes – a foto, o vídeo, o design", explica. A presença de imagens urbanas em seus trabalhos, contudo, não é novidade. No início da gradua-

Alice Jardim
ARTISTA MULTIMÍDIA
"Minha obra está permeada pela minha formação de arquiteta urbanista. Foi no TCC que eu me encantei pela paisagem urbana e procurei entender o movimento do cotidiano local"

ção, Alice já investigava temas como a relação entre a evolução urbana e o patrimônio. Integrante do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem – coletivo do curso de Arquitetura e Urbanismo da Ufal criado em 1992 – e coordenadora do núcleo audiovisual do Laboratório de Criação Tabaré –, ela lembra que o interesse pelas possibili-

dades da fotografia e do vídeo surgiu justamente a partir da necessidade de registrar os cenários investigados pelo grupo. "Minha obra está permeada pela minha formação de arquiteta urbanista. E isso desde o meu trabalho de conclusão de curso, no qual eu trabalhei imagens de São Miguel dos Milagres: mesmo sendo um município que tem uma paisagem mais bucólica, ainda assim eu já estava lidando com a organização da cidade. Foi no TCC que eu me encantei pela paisagem urbana e procurei entender o movimento do cotidiano local", relata a artista.

PONTO DE LUZ
Produzidas em 2010, todas as fotos de *Dobra*, conta Alice, foram feitas a partir do mesmo ponto da cidade e em um momento

no qual ela cultivava "um fascínio por fotografia noturna". A ideia de retratar a urbe à noite, porém, vem de muito antes. Ao fazer uma viagem de avião e reparar que o tamanho das cidades estava diretamente ligado à quantidade de luzes acesas em cada uma de suas regiões, Alice observou que, vista de cima, Maceió parecia apenas um ponto luminoso cercado por uma imensa escuridão. "Um dia fui ao lugar onde fiz as fotos da exposição, só que originalmente eu havia ido até lá para fotografar o pôr-do-sol. Lembro de ter ficado tão impressionada com a cidade se acendendo, que percebi que Maceió era uma cidade que eu não mais reconhecia", rememora. Algum tempo depois, Alice sentiu necessidade de manipular as fotos. "É

que quando vi o resultado, notei que as imagens não representavam aquele 'sentido' de crescimento", observa ela, que com a ajuda do Photoshop acabou por promover uma intervenção nas fotografias originais. A artista ressalta, porém, que nenhum dos instantâneos sofreu tratamento em sua qualidade – "A luz de cada um deles é original", pontua. O intuito foi apenas o de criar o chamado efeito-caleidoscópio. Aficionada pelo movimento do cotidiano, em *Dobra* Alice busca retratar imagens que costumam passar despercebidas no dia a dia dos habitantes da cidade. "Queria mostrar algo que as pessoas não estivessem acostumadas a ver: um olhar que não para, que até quando não quer ver, enxerga alguma coisa", ela acrescenta.



Com seu olhar múltiplo, Alice Jardim propõe questões visuais

PELOS LABIRINTOS DE ALICE

Ao entrar na Pinacoteca, o visitante é provocado pelo texto curatorial da exposição, assinado pela professora Maria Angélica da Silva. Nele, a pesquisadora dá uma pista do que *Dobra* parece se ocupar: "É um jogo de mostra e esconde", sugere ela. A *Gazeta* esteve no espaço para conferir a mostra em primeira mão. Acompanhando a repórter, Alice Jardim trata logo de avisar que as imagens não precisam ser vistas de modo linear. No salão principal, além dos painéis o visitante se depara com aparelhos de TV nos quais é possível assistir aos curtas *Vídeo 2* e *Vídeo 3* – cada um com cerca de cinco minutos. Nas telas, uma nova surpresa: capturadas de dentro do

carro, as imagens do trânsito de Maceió surgem como facho luminoso desfocados. Ao fundo, o som de guitarras marca o compasso em que o caleidoscópio de cores se forma. Ao avançar até o painel *Dobra 3*, Alice indica que a partir dali as fotomontagens se tornam cada vez mais abstratas. A confusão se instala de vez quando o espectador se depara com os três registros pendurados no fundo do salão principal. Ainda assim, ao sentar no banco posicionado diante das obras, percebe-se que as fotografias são as mesmas; elas apenas se (des)dobram de maneiras distintas. E mesmo quando o visitante se depara com um coqueiro numa das imagens, a artista lembra que

o 'elemento' está distante da praia. Já o último dos painéis, o maior da mostra (2mx83cm), traz uma panorâmica com casas acesas, como se todas as vias retratadas até ali convergissem para as moradias. Terminado o circuito do salão principal, há ainda uma sala escura na qual se dá a projeção de *Todavía*, vídeo experimental que conquistou o prêmio de melhor filme na Mostra Competitiva Nacional do Festival Arte.Mov, de Belo Horizonte. No curta, Alice volta a transformar cenas distintas do cotidiano de Maceió num caleidoscópio. Ao final, a artista assinala que sua intenção é gerar mais questões do que necessariamente respondê-las. Que tal tentar desvendá-las? **CC**

Serviço

O que: *Dobra*, primeira mostra individual de artista multimídia Alice Jardim
Abertura: hoje (17), a partir das 20h, na Pinacoteca Universitária (pg. Visconde de Sinimbu, 206, Centro)
Visitação: até o dia 29 de junho; seg., qua. e sex., das 08h30 às 12h30 e das 14h às 18h; ter. e qui., das 08h30 às 12h30 e das 14h às 20h
Entrada: franca

O que: Conversa de Arte, bate-papo com Alice Jardim
Onde e quando: na Pinacoteca Universitária, amanhã (18), às 17h
Informações: 3221-7230 e www.ufal.br/pinacoteca